

PARA OS QUE LECIONAM FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: DEFINIÇÃO DE CONCEITOS E CONTEÚDOS

Sérgio Pereira da Silva*

Resumo: Este artigo objetiva, elaborar uma perspectiva de conceitos e conteúdos do pensar filosófico mediatizada pela categoria de PRAXIS. Busca-se demonstrar que a Filosofia da praxis é uma atividade teórica e cumpre sua função prática sendo teoria.

Abstract: This article intends, among many perspectives, to elaborate concepts and subjects of the philosophical thinking. This elaboration must respect the category of PRAXIS. It tries to show that the Philosophy of praxis is a theoretical activity and executes its practice function being theory.

No cotidiano da prática de ensino da Filosofia, preocupados em não limitar o pensamento às prazerosas digressões lógicas, que muitas vezes mantêm a discussão filosófica numa egocêntrica auto-contemplação, ou perdida num labirinto de idéias, surgem duas questões instigantes: que é Filosofia? Quais são os conteúdos do pensar filosófico?

Aqui, ao situar o pensamento filosófico, busca-se fazê-lo a partir do contexto de definição da especificidade da disciplina Filosofia. Tem, pois, esta análise teórica um caráter pedagógico e um objetivo didático-metodológico.

Primeiramente, sem uma definição do conceito e do conteúdo da Filosofia, que supere o espontaneísmo e o conteudismo, esta disciplina tem poucas chances de permanecer, efetivamente, no currículo do Ensino Médio. Afirma Caio Prado Jr.:

"É assim pelo seu objeto, e somente por ele, que a Filosofia se há de distinguir da ciência, e com isso se legitima como disciplina à parte." (1984:13)

* Professor de Filosofia da Educação e Coordenador do Curso de Pedagogia, do Campus Avançado de Catalão - UFG.

São inumeráveis os conceitos de Filosofia, e vários os objetos que incitam a essa reflexão desde os primeiros séculos da História da Filosofia Ocidental. O intuito é resgatar um núcleo comum que possibilite conhecer a natureza dessa reflexão, apelidada, desde seu nascimento, de "amor à sabedoria" (Philos - sophia).

Inicialmente, uma análise etimológica dessa palavra já demonstra uma atitude e um estado de intimidade com o conhecimento, que não deve resvalar para um racionalismo insensível. O amigo da sabedoria (ou o amante), o filósofo, não é, pois, etimologicamente falando, um inimigo da emoção, nem suas idéias pairam acima e distante do sentimento.

Jean-Pierre Vemant, em "As origens do pensamento grego", quando analisa o universo espiritual da polis, afirma que a Filosofia, ao nascer, teve uma posição ambígua, no que diz respeito aos métodos e sua inspiração: "aparentar-se-á ao mesmo tempo às iniciações dos mistérios e às controvérsias do ágora." (1992:41). Noutras palavras, a Filosofia, na sua origem, oscilou entre o "espírito do segredo", próprio das seitas e o debate público e contraditório, próprio da atividade política.

Vemant lembra a seita pitagórica na Grande Grécia, no século VI, que se organizou em confraria fechada e recusou entregar à escrita uma doutrina puramente esotérica.

Os sofistas são um exemplo que ilustra a postura contrária: estes integram-se na vida pública, na discussão política ou no projeto educativo. Comentando as duas posturas, afirma Vemant:

"Dessa ambiguidade que marca sua origem a filosofia grega talvez jamais se tenha libertado inteiramente. O filósofo não deixará de oscilar entre duas atitudes, de hesitar entre duas tentações contrárias. Ora afirmará ser o único qualificado para dirigir o Estado, e, tomando orgulhosamente a posição do rei-divino, pretenderá em nome desse 'saber', que o eleva acima dos homens, reformar toda a vida social e ordenar soberanamente a cidade. Ora ele se retirará do mundo para recolher-se numa sabedoria puramente privada; agrupando em torno de si alguns discípulos, desejará com

eles instaurar, na cidade, uma cidade diferente, à margem da primeira e, renunciando à vida pública, buscará sua salvação no conhecimento e na contemplação.” (1992:41-42)

Nicola Abbagnano comenta a disparidade de significações de Filosofia, porém, chama atenção para algumas constantes: das significações a que melhor se presta para articular os diferentes significados do termo é a definição comentada no “Eutitermo platônico: a Filosofia é o uso do saber em proveito do homem” (1982:420). Nesta definição, Platão situa a preocupação antropológica como o cerne do pensar filosófico. Prossegue Abbagnano:

“Platão observa que de nada serviria possuir a capacidade transformar as pedras em ouro a quem não soubesse valer-se do ouro, de nada serviria uma ciência que tornasse imortal a quem não soubesse servir-se da imortalidade. (...) É necessário, portanto, uma ciência em que coincidam fazer e saber valer-se daquilo que se faz, e esta ciência é a Filosofia.” (1982:420)

Porém, a preocupação antropológica de Platão refere-se ao homem idealizado, não ao homem histórico e concreto. Busca situar esse homem num mundo de idéias puras e imutáveis, afastando-o da realidade material. Na epistemologia platônica, esse distanciamento é condição de possibilidade para que se efetive o conhecimento da “pura sabedoria”. Além disso, distanciar-se do mundo inclui distanciar-se dos prazeres, das emoções, do corpo. Afirma Sócrates:

“O exercício próprio do filósofo não é precisamente libertar a alma e afastá-la do corpo? (...) Eis o que deve pensar, meus companheiros, um filósofo, se realmente é filósofo; pois nele há de existir a forte convicção de que em parte alguma, a não ser num outro mundo, poderá encontrar a pura sabedoria.” (In PLATÃO, 1972:75-76)

No contexto moderno, mas, sob orientação do idealismo platônico, René Descartes, introduz na sua conceituação de Filosofia, a ênfase no ato de conhecer. Comenta o filósofo francês:

"Esta palavra [Filosofia] significa o estudo da sabedoria, e por sabedoria não se entende somente a prudência nos negócios, mas um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode conhecer, quer para a conduta de sua vida, quer para a conservação de sua saúde e invenção de todas as artes." (In: ABBAGNANO, 1982:420)

Aquela preocupação antropológica platônica é também observada na conceituação do filósofo inglês Hobbes, para o qual a Filosofia é, de um lado, o conhecimento causal; de outro, a utilização desse conhecimento em benefício do homem. (In: ABBAGNANO, 1982:420).

Kant, por sua vez, elabora um conceito que interessa a todos os homens, ou seja, um conceito universal de Filosofia, como sendo o de:

"uma ciência da relação de todo conhecimento com a finalidade essencial da razão humana." (In: ABBAGNANO, 1982:420)

Por "finalidade essencial" compreende Kant a felicidade universal. Para esse filósofo alemão, a Filosofia busca a sabedoria através da ciência.

Ainda nessa perspectiva, Abbagnano chama atenção para o conceito de Dewey, segundo o qual a "Filosofia é a crítica dos valores, crítica das crenças, das instituições, dos costumes, das políticas, com relação ao seu alcance sobre os bens." (In: ABBAGNANO 1982:420).

O professor Johannes Hessen, da Universidade de Colônia, em sua obra intitulada "Teoria do Conhecimento", dá uma ênfase à função axiológica da Filosofia, através da auto-reflexão do espírito humano. Afirmar Hessen:

"a filosofia é uma tentativa do espírito humano para chegar a uma concepção de universo por meio da auto-reflexão sobre as suas funções de valor teóricas e práticas. (1978:15)

Este autor situa a especulação filosófica em três perspectivas: a epistemológica; a axiológica e a cosmológica:

"A filosofia é, em primeiro lugar, como vimos, uma auto-reflexão do espírito sobre o seu comportamento (capacidade, atitude, funções) valorativo (valorizador) teórico e prático. Como reflexão sobre o comportamento teórico, sobre aquilo a que chamamos ciência, a filosofia é teoria do conhecimento científico, teoria da ciência. Como reflexão sobre o comportamento prático do espírito, sobre o que apelidamos de valores em sentido restrito, a filosofia é teoria dos valores. Mas a reflexão do espírito sobre si mesmo não é um fim autônomo, mas sim um meio e um caminho para chegar a uma concepção do universo. A filosofia é, pois, em terceiro lugar, teoria da concepção do universo." (1978:19)

A perspectiva fenomenológica, que tem forte influência na atual discussão filosófica, tem origem na crise gerada pelo positivismo. Foi Husserl quem elaborou as principais linhas dessa nova abordagem da realidade. Era imprescindível repensar os fundamentos da Filosofia, das ciências naturais e das ciências humanas, para que essas recuperassem a viabilidade e credibilidade postas em xeque pela crítica positivista.

Em linhas gerais, a fenomenologia propõe a superação da dicotomia cartesiana sujeito-objeto, afirmando que toda consciência é intencional. Equivale a dizer que a consciência tende para o mundo, o ato de conhecer o mundo é preñado de intencionalidade. Sem o sujeito que intenciona conhecer o objeto, este não existe. Portanto, não há um sujeito-em-si, independente de uma consciência. Todo objeto é objeto para uma consciência.

Logo, não há fatos com aquela objetividade defendida pelos positivistas. O universo percebido é um universo para esta consciência. O sentido, e não o fato, tem, nessa perspectiva, grande importância. Comenta Rezende:

"A busca da verdade parte como reconhecimento de que há sentido na existência, na história, no mundo. Mais ainda, do reconhecimento de que há sentido, sentidos, e mais sentido. Tudo isso acha-se em relação direta com a apreensão da estrutura fenomenal como propriamente simbólica, e a descoberta de que a estrutura simbólica é a grande característica da ordem humana." (1990:42)

Para finalizar a descrição e análise dos conceitos e conteúdos da Filosofia, resta contemplar a perspectiva do materialismo histórico e dialético. Acredita-se que essa derradeira perspectiva filosófica, pelo seu caráter histórico, dialético e concreto, na medida em que supera o idealismo, o subjetivismo individualista, o positivismo e a metafísica, realmente recupera para a Filosofia sua identidade conceitual e seu objeto temático.

Por materialismo histórico e dialético compreende-se o instrumental teórico e analítico proposto por Marx e Engels, que consiste em reconhecer na economia (técnicas de trabalho e de produção, relações de trabalho e produção) fatores determinantes dos acontecimentos históricos.

O pressuposto do M.H.D. é a concepção de homem segundo a qual a personalidade humana é produzida a partir das relações de produção, no cotidiano de sua subsistência.

Os autores marxistas são unânimes ao se questionarem quanto à importância de a Filosofia contribuir efetivamente na transformação da realidade social, política e econômica. Não poderia ser diferente, uma vez que a contundente crítica que Marx e Engels fizeram aos filósofos de seu tempo, ainda hoje inquieta muitos pensadores:

"Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo." (1991:14)

Em "A filosofia da praxis"¹, Vazquez, sensível à crítica de Marx e Engels, enfatiza que a interpretação que o filósofo faz da realidade, assim como sua transformação, situa-se no âmbito da praxis, na qual se distinguem e se relacionam a teoria e a prática.

Vazquez inicia sua análise afirmando que a atividade filosófica transforma a concepção do mundo, da sociedade ou do homem, mas não modifica imediatamente nada de real e material, porque a atividade filosófica é uma atividade teórica e não prática. Pode inspirar-se na prática, objetivar a prática, mas não é em si prática. Comenta Vazquez:

1. Por "praxis" Vazquez compreende o trabalho, atividade prática intencional que transforma a natureza pela ação do homem, ao mesmo tempo em que humaniza esse homem, pela mediação dessa mesma natureza transformada.

"A nosso ver, a filosofia, seja como interpretação do mundo seja como instrumento teórico de sua transformação, não é em si, de modo direto e imediato, praxis." (1990:206)

Isto porque a teoria em si não transforma o mundo, pode contribuir para tal, mas, para isso, tem que sair de si mesma e ser assimilada pela atividade material de transformação a que se destina.

Essas reflexões de Vazquez revelam que é uma grande injustiça o que muitos intérpretes do marxismo fazem com a teoria, ou seja, colocam-na em oposição simplista à prática.

A teoria não precisa fantasiar-se de prática e o teórico envergonhar-se de sua produção. O que lhe vai conferir "status" de revolucionária ou reacionária não é sua natureza teórica, mas a práxis transformadora à qual está unida. Ora, se a teoria em si não muda o mundo, só pode contribuir para transformá-lo como teoria e, por mais paradoxal que pareça, só cumprirá sua função prática sendo atividade teórica.

Parafraseando, poderia afirmar-se que, pela praxis, a Filosofia se materializa, transforma-se e contribui na transformação da realidade. A reflexão filosófica não é praxis, mas deve ser uma Filosofia da praxis.

Nesse mesmo sentido, Kosik, ao analisar o conceito e o objeto da Filosofia, afirma que a essência dos fenômenos não é captada no contato empírico com os mesmos. E, desde que o fundamento das coisas deve ser descoberto mediante uma atividade peculiar, "tem de existir a ciência e a filosofia". Completa o autor:

"Se a aparência fenomênica e a essência das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis." (1989:13)

Segundo Kosik, no ambiente cotidiano há um complexo fenomênico que penetra na consciência dos indivíduos, de forma imediata e regular, assumindo um aspecto natural e independente. Trata-se de um "pensamento comum", produto da prática utilitária cotidiana. Neste pensamento, "são captados tanto a familiaridade com as coisas e o aspecto' superficial das coisas, quanto à técnica de tratamento das coisas." (1989:15)

Esse complexo fenomênico é uma falsa consciência da realidade, é uma elaboração abstrata do real e constitui o mundo da pseudoconcreticidade.²

Para Kosik, o esforço de conhecer o real, superando o mundo da pseudoconcreticidade, é "a tarefa precípua da filosofia". Completa esse autor:

"A filosofia é uma atividade humana indispensável, visto que a essência da coisa, a estrutura da realidade, 'coisa em si', o ser da coisa, não se manifesta direta e imediatamente." (1989:13-14)

Na tarefa da destruição da pseudoconcreticidade, à Filosofia cumpre colocar-se no terreno da praxis, tomando-se, inclusive, crítica dessa praxis. Torna-se por este intermédio, pensamento dialético, que dissolve o fetiche da aparência para atingir a realidade. Portanto, é no âmbito da praxis, da realidade material e intencionalmente transformada, que se pode pensar a atividade filosófica e seu conteúdo. O objeto da Filosofia é a realidade mesma, enquanto realidade histórica, enquanto produto da atividade humana.

Quanto ao conceito, a Filosofia é a reflexão que busca conhecer a realidade com seus produtos históricos, criticando o discurso ideológico que os deturpa, que os falseia, ou seja, superando a pseudoconcreticidade que os reveste.

Acredita-se que, com esta definição conceitual e de conteúdo, a Filosofia recupera sua identidade, ou seja, seu caráter de disciplina teórica num projeto revolucionário prático e concreto.

2. Ao mundo da pseudoconcreticidade pertencem:

- o mundo dos fenômenos externos, que se desenvolvem à superfície dos processos realmente essenciais;
- o mundo do tráfico e da manipulação, isto é, da praxis fetichizada dos homens (a qual não coincide com a praxis crítica revolucionária da humanidade);
- o mundo das representações comuns, que são projeções dos fenômenos externos na consciência dos homens, produto da praxis fetichizada, formas ideológicas de seu movimento;
- o mundo dos objetos fixados, que dão a impressão de ser condições naturais e não são imediatamente reconhecíveis como resultados da atividade social dos homens." (1989:11)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.

DESCARTES, René. Discurso do Método. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. vol.15, p. 33-80.

HEIDEGGER, Martin. O que é Metafísica?. *Os Pensadores*. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973, n. 45, p. 223-62.

HESSEN, Johannes. *Teoria do Conhecimento*. Coimbra: Sucessor, 1978.

KONDER, Leandro. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KOSIK, Karel. *Dialética do Concreto*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MARX, Karl e ENGELS, F.. *A ideologia Alemã*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

_____. *Manuscritos Econômicos filosóficos*. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974, v. 35, p. 07-54.

_____. *A miséria da filosofia*. São Paulo: Global, 1985.

_____. *A sagrada família*. São Paulo: Moraes, 1987.

PLATÃO. Diálogos: Fédon, Sofista, Político. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1972, v. 3, p. 61-134.

PRADO JR., Caio. *Introdução à lógica dialética*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1974.

_____. *O que é filosofia*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

REZENDE, Antônio Muniz de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia*. São Paulo: Cortez, 1992.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Filosofia de praxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.